

Biografia

Denise Maurano Mello



1 - Denise Maurano Mello

Denise Maurano Mello, nascida no Rio de Janeiro, é Professora Titular da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), atuando no Curso de Direito e no Programa de Pós-Graduação em Memória Social. Tem Mestrado e doutorado em Filosofia pela Universidade de Paris XII e PUC/RJ. Pós-doutorado em Letras, também pela PUC/RJ e Pós-doutorado em Psicanálise pela Universidade de Nice (FR). Psicanalista, é membro da Associação Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise, seção Rio de Janeiro.

É ainda escritora, com diversos livros e artigos publicados, com um percurso bastante interdisciplinar, experiência e pesquisas na área de psicanálise, arte, clínica, ética, memória social e na interface psicanálise e Direito.

Autora de diversos artigos publicados no Brasil e no exterior, **Denise Maurano** também publicou os seguintes livros: *Nau do desejo: o percurso da ética de Freud a Lacan* (Ed. Relume Dumará, 1995); *La face cachée de l'amour: investigation philosophique de la tragédie à la lumière de la Psychanalyse* (Presses Universitaires de Septentrion, FR, 2000); *A face oculta do amor: a tragédia à luz da psicanálise* (RJ, Imago ed./UFJF, 2001); *Para que serve a Psicanálise* (Col. Passo-a-passo em psicanálise, RJ, Jorge Zahar ed., 2003); *A transferência* (Col. Passo-a-passo em psicanálise, RJ, Jorge Zahar ed., 2006); *A Histeria*, (Col. Para ler Freud, Ed. Civilização Brasileira 2011); *Trilogia: Do Desejo, Do Amor e Do Gozo*. Volume I: *Do desejo*. RJ: Ed. Contracapa (no prelo). Coordenou e organizou, ainda, algumas publicações, entre elas as *Agenda de Psicanálise* (I Ed. Xenon, 1989 e II Ed. Relume Dumará, 1990); *Circulação Psicanalítica*, RJ: Imago Editora (1992).

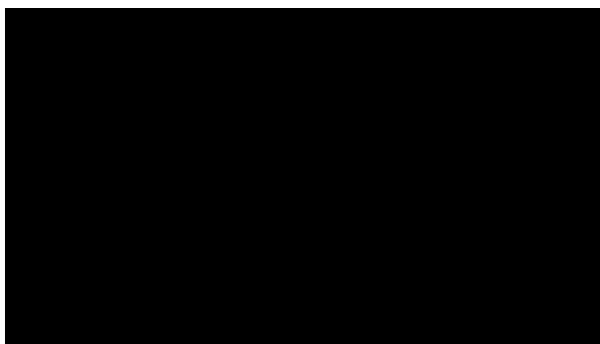
Entrevista

Como foi o processo de escolha da sua carreira acadêmica?

Foi muito dinâmico esse processo. Eu só descobri que queria fazer psicologia em cima do vestibular. Até então, eu queria fazer outras coisas. Queria fazer teatro, era minha primeira opção. Depois pensei em fazer jornalismo e ser escritora.

Logo perto do vestibular, eu vi uma novela que tinha uma personagem que era psicóloga, uma personagem interessante. E eu resolvi olhar o que era a profissão, quais os requisitos e as atividades. Achei que podia ser interessante pra mim, podia reunir vários dos meus interesses e, então, fiz o vestibular. Entrei no curso e, por sorte, gostei muito do que eu encontrei. Embora, nesse curso de psicologia, eu tenha encontrado uma outra área, que não é a mesma. É a psicanálise.

Ali começou uma análise pessoal, um tratamento pessoal. E tenha descoberto por esse viés, uma abordagem do psiquismo que me parecia muito mais contundente e profunda, próxima e que, pra mim, ressoava com mais peso de verdade do que a própria psicologia.



Sobre sua relação com o ser professora, foi uma descoberta que veio de forma natural?

Então, comecei essa análise pessoal ainda no curso de psicologia e fui me encaminhando pra psicanálise. Quando terminei o curso de psicologia, eu comecei com meu consultório. Até então, por mais que eu sempre tivesse gostado de dar aula, desse tipo de exposição que ser professor explica, eu achava que a gente só podia ser professor depois de um tempo de experiência.

Eu não gostava da ideia, que hoje em dia é muito corrente, em que a pessoa passa da graduação direto para o mestrado e para o doutorado. Eu achava que isso não dava uma boa base para o professor. Para aquilo que você deveria transmitir. Portanto, eu fui para a clínica e já voltada para uma orientação psicanalítica e não mais, propriamente, psicológica. O que significa trabalhar com dados que são muito mais da ordem da divisão subjetiva, do que da certeza da consciência.

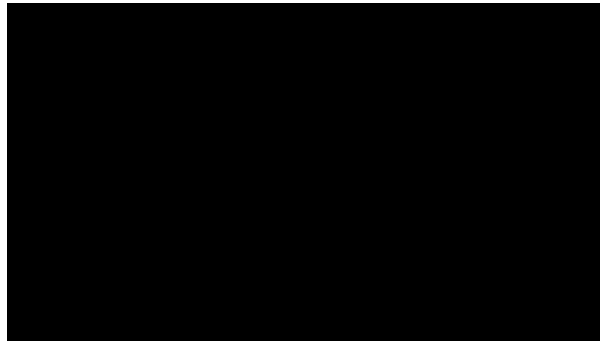
Portanto, com dados muito mais do inconsciente, do que com dados do discurso corrente. Por exemplo, no discurso corrente você pode ficar muito mais interessado no que aquilo que a pessoa afirma com certeza. O meu interesse maior é justamente por aquilo que tropeça na tua certeza: você quer dizer uma coisa, você disse outra. Você está encaminhado para uma coisa, então um sonho te atravessa e te mostra uma outra coisa, outra direção. Ou seja, eu fiquei muito mais encantada por aquilo que nos mostra questões, do que aquilo que reforça as nossas certezas.

Sua passagem pela filosofia

Nesse íterim, eu fui fazer teatro e também fui fazer uma formação em psicanálise. Essa formação não é regulamentada pelo MEC, essa profissão também não é regulamentada pelo MEC. Justamente porque ela é o ofício que parte, sobretudo, para além do conceito teórico e da supervisão clínica. Ela parte [do conceito de] tratamento pessoal e não tem como fazer uma regulamentação acadêmica pelo Estado, do tratamento de alguém.

No estudo da psicanálise, eu me encantei muito por uma corrente francesa de um pós freudiano que é Jacques Lacan. Ele trabalha muito com referências da filosofia. Ou seja, ele propõe uma sistematização de uma ética da psicanálise, que para ser entendida na sua singularidade, vai ser imprescindível que se possa entender o que é a ética na filosofia.

Então, eu vi que para eu melhor trabalhar com essas questões mais tensas e paradoxais da psicanálise, era importante que eu passasse para a filosofia. [Esse foi o momento] em que eu fui fazer o mestrado em filosofia. Nesse mestrado, eu entrei em contato com a pertinência da construção da cultura ocidental, a partir de elementos que vêm da Grécia Antiga. Indicando a potência, tanto do Teatro quanto do Direito, no nascimento dessa cultura.



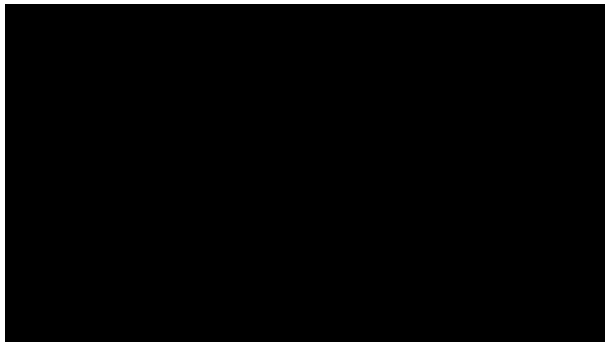
A relação do Direito e Teatro trágico na visão de Denise

A relação do Direito com o Teatro trágico. O que se passa quando deixa de se viver na horda e se organiza a vida em sociedade. É necessário criar leis, para evitar confusão. Não à toa, o nascimento do Direito é concomitante ao nascimento da *Polis*, essa organização da vida na *Polis*. Para regular as relações entre as pessoas, as trocas/os intercâmbios.

A vida na *Polis* exige, portanto, essa emergência das Leis. Além disso, as Leis não dão conta de tudo que nós somos. Ou seja, as Leis tentam regular isso que é indomável em nós. Há uma dimensão em nós mesmos que é indomesticável. Com isso, os gregos produziram o Teatro.

E que teatro eles inventaram? O teatro do entretenimento, teatro das belas ações, no sentido de boa ação? Não, eles inventaram o Teatro Trágico. O que tem nele? Tudo aquilo que a Lei condena: patricídio, matricídio, incesto. Não é verdade?

Ou seja, para que a democracia de Péricles pudesse vigorar, era preciso ter um espaço para que a barbárie tivesse voz. Para isso que escapa a Lei poder ser reconhecido, ter espaço de expressão, mas com o menor dano possível. Então, nesse sentido, era um espaço de preservação da barbárie indomesticável, em nós, sem que isso pudesse ter consequências tão nefastas. Consequências que aconteceriam, caso isso acontecesse fora do espaço teatral.



O que te conduziu a Unirio e ao Direito?

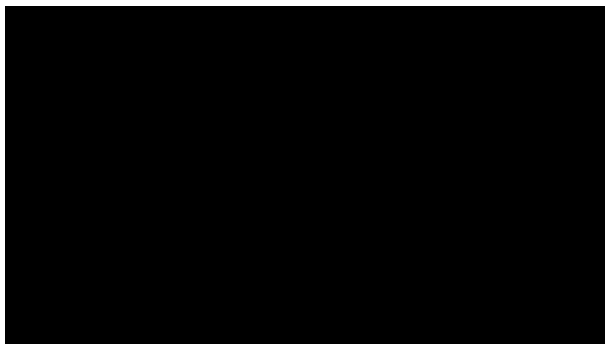
Eu sou do Rio, então, quando eu decidi voltar para o Rio, pesquisei lugares que poderiam ser interessantes de trabalhar. Como eu tenho essa vibe transdisciplinar, eu achei que seria interessante experimentar uma outra área. Pensei em Comunicação e em Direito.

Nisso um aluno meu da escola de psicanálise da qual eu também contribuí era professor de um curso da COP (?), onde estava o André Fontes. Ele estava fazendo esse curso lá. Eu não sei porque carga d'água esse meu aluno comentou com ele e ele [André] falou que na UNIRIO, no Direito, o curso estava sem um professor de filosofia. Acho que foi um professor que adoeceu.

Ele me colocou em contato com a Rosalina que era decana e eu procurei-a, falei do meu interesse, apresentei meu interesse e, enfim, nessa época já tinha alguns livros publicados. Foi um contato muito fluido e bacana, apesar dos percalços, pois eu vim redistribuída pra UNIRIO.

Redistribuição não é um processo fácil. Primeiro, a UNIRIO ia abrir um concurso para professor de Filosofia, no curso de Direito, ou de Psicologia do Direito. Porque a pessoa que dava Filosofia também trabalhava com Psicologia Jurídica, embora não sendo psicólogo.

Então, depois acabei começando meu trabalho na UNIRIO que me deu muita satisfação. Eu gostei muito de trabalhar com os alunos logo no início do curso. Achei que era o ponto. Porque o aluno de Direito tem um perfil muito curioso, no sentido em que embora o Direito seja um campo vastíssimo, possibilitando o sujeito de ir para trocentas atividades, a chamada para o Direito parece algo extremamente enquadrado. Dado a positividade com que o Direito fica identificado.



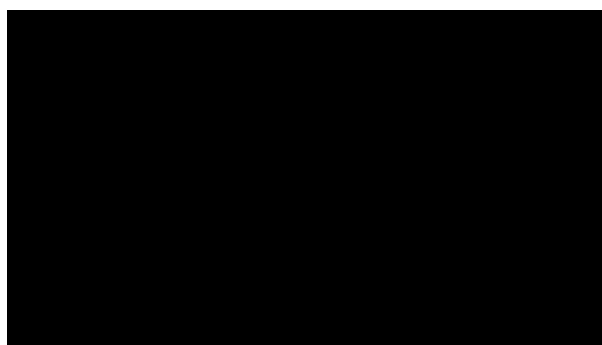
Como foi a adaptação de vir de um curso de psicologia migrando para a psicologia jurídica e todo esse primeiro contato com uma metodologia diferente, como encarou esse desafio em um primeiro momento?

Denise Maurano:

Eu acho que posso dizer bem. Eu adoro desafio. Desafio é meu prato predileto. Então, a minha vontade foi de encontrar, primeiro, de despertar o interesse do aluno de Direito para esse campo possível. Além disso, despertar o interesse do aluno de Direito pelo campo da psicanálise, propriamente.

Eu sabia que de jeito nenhum, e nem nunca foi essa minha pegada, de explicar pro aluno o que é *Id*, *Ego* e *Superego* ou o que é inconsciente, pré consciente e consciente. Eu sabia que esses conceitos teóricos e áridos não iriam encontrar ressonância e nem era essa minha pegada.

Mas eu sabia que a gente estava tocando em algo fundamental, que dizia a respeito a que antes de qualquer formação profissional e, sobretudo, antes de uma formação profissional no campo do Direito, que vai ter uma atuação sobre a cultura e a política tão contundente, era preciso que esse sujeito pudesse ser sensibilizado para se incluir, se perguntar e se implicar nessa atividade profissional que ele estava vindo a exercer. Porém, tendo algum acesso às suas próprias divisões, tendo acesso ao acolhimento das suas incertezas.

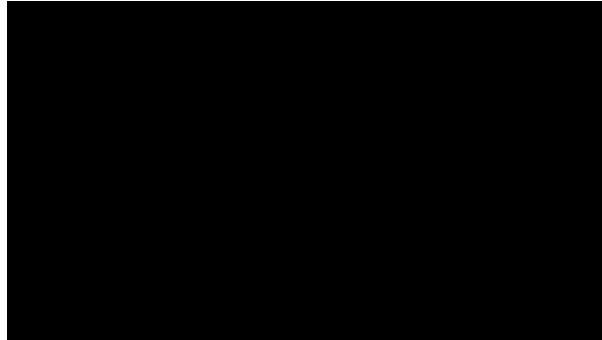


Como era a metodologia das suas aulas na Unirio?

A quinta à noite era toda pra mim. Eu tinha de 18h às 22h para estar com os alunos. O que me permitia dar um tipo de aula onde a gente discutia um texto primeiro e depois passava um filme para discuti-lo depois. Muitas vezes, eu convidei colegas de várias frentes. Psicanalistas que trabalhavam em presídio, que trabalhavam no DEGASE, que trabalhavam com direito de família, juízes e promotores que estavam em formação psicanalítica..

Porque temos muitos juízes, promotores e defensores, lá na Escola de Psicanálise, fazendo formação. Então, as aulas tinham essa pegada dinâmica. A gente promovia ciclo de palestras. Durante muito tempo me permitiram usar o auditório.

Eu sei que quando eu cheguei, aí no CCJP, não tinha nem datashow. Era uma loucura, pois eu tinha que carregar equipamento de casa. Os alunos participavam na escolha de filmes, nessa discussão. E isso criou um ambiente muito bom. O que eu sinto muito é que eu achava que isso ia poder se perpetuar, mesmo após a minha saída. Que esse modo de trabalhar a psicologia jurídica, esse espaço de pensar cultura e filosofia, pensar o Direito em suas vastas implicações, não ficasse em uma coisa técnica da Psicologia Jurídica e do positivismo.

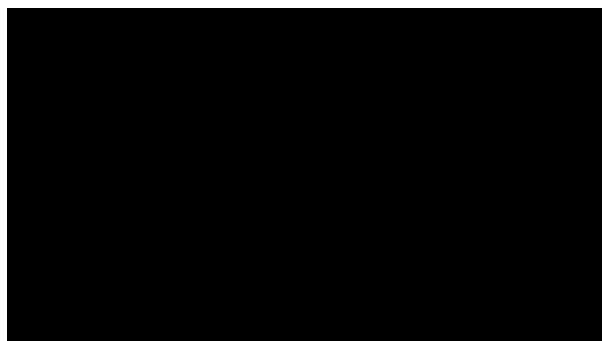


O que te impulsionou a essa busca pela cultura francesa, que resultou na publicação desses trabalhos?

Foi pela via do interesse na pesquisa. Primeiro, como eu falei, o psicanalista que me chamou a atenção, esse pós freudiano era francês, Jacques Lacan. Eu fui estudar francês para poder lê-lo sem tradução, ler o texto na forma como ele escreveu. A outra coisa foi que quando eu estava fazendo doutorado na PUC, surgiu uma possibilidade de uma bolsa sanduíche com uma professora, Françoise Darcy, que era uma professora que estudava a Tragédia em Holderlin, na filosofia em Sorbonne.

Eu me candidatei a fazer essa bolsa com ela, uma vez chegando lá, ela abriu esse universo, falando: “Não, primeiro você vai ter que escrever tudo em francês, pois eu não leio português. E já que você vai escrever tudo em francês, já se inscreve no mestrado e depois vamos ver seu doutorado.” Eu respondi: “Mas já estou fazendo lá.” Ela falou: “Faz dois que não tem problema.”

Foi muito bom, porque expandiu meu horizonte.



Como o Direito se relaciona com a filosofia?

Uma coisa é o mundo ideal, outra coisa é cair na real. O Direito se coloca na pegada do mundo ideal, enquanto a gente tem que cair na real, para encontrar meios de melhor governabilidade e melhor vida social. Acho que isso é importante.



1º período- Direito

Állan Dorea

Evellin Coutinho

Thiago Chagas

Victor Polck